



BOLETIM DA CAPELANIA

Julho de 2012



Soluções e remédios

Talvez uma das causas das perturbações sociais seja a procura de soluções para os problemas de todo o género e espécie que se vão sucedendo. Porque os problemas sociais, tal como os da saúde individual, não têm solução; só podem ter remédios. A sociedade, como o indivíduo, nunca atingirá um equilíbrio nem um desenvolvimento estáveis. Nunca se conseguirá perfeita justiça, contínuo crescimento económico, pacífico entendimento nacional e internacional, definitivo sistema de educação, regime político ao gosto de todos, organização administrativa plenamente satisfatória, etc. Todo aquele e qualquer ideologia, que prometam «soluções» radicais, são tão ridículos como o feirante ou o astrólogo que anunciem a pomada salvadora ou a energia astral que resolve as questões de amor, de dinheiro e de ciática.

Só pode haver «remédios», «medidas», que abrandem a pobreza, elevem o nível de vida, simplifiquem a burocracia, suavizem conflitos, deem melhor acesso aos hospitais e às escolas, mais despacho aos tribunais, etc. Mas contando sempre com novos problemas, às vezes fruto dessas «boas» medidas, que o seriam então, mas de cujas consequências ninguém se precatava... Soluções que eliminem de vez as «questões sociais» não existem.

Oferecer tais soluções é mentir. Esperar essas soluções é ingenuidade. Exigir soluções definitivas é demagogia. Mas o sonho do paraíso terrestre exaspera-nos, e não desistimos, geração após geração, de tentar descobrir a pedra filosofal que tudo resolva. Só a sabedoria egípcia a descobriu: «Oxalá pereça o homem, volte o silêncio e desapareça para sempre o furor». Curiosamente, tem sido esta a «solução» ocidental, tentando por todos os meios extinguir a família... Mas a isso não pode chamar-se «solução»; apenas «dissolução».

Como dizia ao princípio, esta fúria «solucionadora» ainda exacerba mais as dificuldades que temos. Pois qualquer medida que se tome enferma, por força, de limitações, que não estamos dispostos a reconhecer. E o homem, além de limitado, é um ser doente, desequilibrado, «pronus ad peccatum» - inclinado ao mal e ao disparate -, como diz a teologia. Incurável, no sentido de que a sua digníssima racionalidade não o torna necessariamente razoável, e a sua digníssima liberdade sofrerá sempre a pressão de paixões difíceis de controlar. É este homem e esta sociedade doentes que é preciso ter em conta.

Partir do princípio de que tudo tem solução, se houver «vontade política», é enganar-nos a nós mesmos. Como os maus doentes não se deixam tratar, e toda a melhoria lhes parece pouca, atribuindo-a à falta de «vontade médica», assim procedemos nós com frequência na vida familiar, social e internacional. E esta impaciência significa duas coisas: uma forma de preguiça - fuga do trabalho continuado - e uma expressão de desesperança: não ver nada além do dinheiro.

Pe. Hugo de Azevedo